

Arly de Lara Romêo quer a criação de linhas de crédito para imóveis populares

Da Redação

Formado em Direito e com pós-graduação em Direito Civil, o atual secretário municipal de Habitação e presidente da Companhia de Habitação Popular de Campinas (Cohab-Campinas), Arly de Lara Romêo, é menos conhecido por sua formação e mais pelos serviços prestados na área pública, em setores como Recursos Humanos, Saúde, Saneamento e, agora, Habitação.

A característica marcante da personalidade de Arly — de dedicar atenção à população — tem origem em seus tempos de infância, ainda em Cuiabá. Arly trabalhava em uma sorveteria e na base da amizade com outros comerciantes conseguia ler revistas e histórias em quadrinhos e assistir filmes — nunca completos, porque precisava conciliar com o atendimento de clientes no início e no final das sessões, o que o impedia de ver o começo e o fim das histórias. Ele destaca que o cinema e a leitura foram importantes para o seu desenvolvimento intelectual.

A trajetória pessoal trouxe Arly para Campinas, levando-o para a Unicamp e depois para a vida política. Ele se orgulha de algumas conquistas legislativas que obteve quando era vereador, como a Lei do Planejamento Familiar. No Executivo de Campinas, participou diretamente de três gestões: de Chico Amaral, Jonas Donizette e do atual prefeito Dário Saadi.

Arly de Lara Romêo visitou o presidente executivo do Correio Popular, Italo Hamilton Barioni, acompanhado do diretor técnico de Empreendimentos Sociais da Cohab, Pedro Luporini, e do diretor da Secretaria de Habitação, Lucas Bonora. Na entrevista, contou um pouco sobre a caminhada até chegar a Campinas, o início da trajetória na cidade e, agora, à frente da pasta e da companhia habitacional.

Defendeu maior atenção do governo brasileiro à população carente que não consegue comprar um imóvel, com a abertura de linhas de crédito e destinação de parte da arrecadação do Imposto de Renda (IR) e Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) para a construção de imóveis populares. Sobre as realizações municipais nessa área, Arly comemorou as mais de 4,1 mil regularizações fundiárias feitas desde o início da gestão de Dário Saadi e afirmou que quer avançar na solução dessa questão, pois há cerca de 150 mil imóveis a serem regularizados ainda em Campinas.

Conte-nos um pouco sobre sua origem até chegar a Campinas.

Arly: Nasci em Cuiabá, no Mato Grosso, um estado lendário que deu dois presidentes da República: Eurico Gaspar Dutra e Jânio Quadros. Eu fui sorveteiro na minha infância. Um dentista que morava em frente de casa não quis mais tocar as duas sorveterias que tinha e eu vendi para a minha mãe. Ganhamos muito dinheiro. Eu lia muitos gibis, porque fiz amizade com a moça da banca de revista que tinha em frente. Eu dava sorvete para ela, que me dava revistas para ler. Duvido que tenha alguma pessoa que leu mais gibis do que eu. Isso foi maravilhoso para a minha cultura, para o meu enriquecimento. A sorveteria ficava próxima ao Palácio do Governo e, várias vezes, o governador ia lá tomar sorvete. Era maravilhoso, as pessoas adoravam. Também tinha por perto o Cine Teatro Cuiabá. O porteiro também era meu amigo, eu dava sorvete para ele e ele me deixava assistir os filmes. Porém, eu ficava triste, porque não podia assistir nem o começo nem o final, pois tinha que receber o pessoal que queria comprar sorvetes antes e no final das sessões. Faziam fila ali. Era uma máquina de fazer sorvete e dinheiro. Eu não podia sair antes e ficava desesperado, doendo para assistir. Ficava triste, indignado em não poder ver o final. Laques filmes maravilhosos de bang-bang, Roy Rogers, Tarzan. Naquela época, tinha uns 15 anos.

O senhor saiu de Cuiabá direto para Campinas?

Arly: De Cuiabá, fui para o Rio de Janeiro, porque uma de minhas irmãs por parte de pai morava lá e fomos tentar a vida. Ficamos mais ou menos um mês. Eu odiei. Imagina um caipira que saiu do Mato Grosso e não sabia nem atravessar a avenida, tinha que pegar na mão. Bom, aí viemos para Campinas porque o irmão de minha mãe era delegado da Receita Federal aqui. Era meu padrinho.

Em que ano foi isso?

Arly: 1967. Ficamos morando alguns dias na casa dele e eu comecei a trabalhar vendendo seguros. Um primo de meu pai era presidente do Sindicato dos Bancários e arrumou um emprego para mim em um banco. Eu começaria em uma segunda-feira. No domingo, fui andar em frente ao Fórum sozinho e passei na Banca do Alemão. Lá estava escrito, na primeira página do Correio Popular, conhecidos os resultados do concurso da Unicamp.

Eu tinha feito um concurso para escriturário assistente de administração. Vi na primeira página que eu tinha passado em terceiro lugar. Na primeira página e no Correio. Fiquei emocionado. Pensei: o que vou fazer, vou para o banco ou para a Unicamp? O salário no banco era o dobro, mas foi Deus quem me orientou e disse: você vai para a Unicamp. Meu tio queria me matar por eu ter desistido do emprego que ele arrumou. Fui para a Unicamp, na época localizada na Avenida Barão de Itaipura. O reitor era Zeferino Vaz. E quis o destino que eu ficasse na área de Recursos Humanos.

Como foi trabalhar na Unicamp?

Arly: Eu fiz carreira lá. Com 25 anos, assumi a di-



Arly de Lara Romêo é o atual secretário municipal de Habitação de Campinas e presidente da Companhia de Habitação Popular (Cohab)

ENTREVISTA

Arly de Lara Romêo defende recursos do IR e ICMS para moradias populares

Presidente da Cohab reclama da falta de linhas de crédito para imóveis sociais



Arly esteve na redação do Correio Popular, em visita ao presidente executivo do jornal, Italo Hamilton Barioni

retoria geral de Recursos Humanos, trabalhei muito tempo para o Zeferino. Tinha um diretor de RH que me amava, ele tinha uma coisa forte comigo, sonhava que eu me casaria com a filha dele, mas não deu certo. Ele morreu em 1974 com 58 anos. Antes de morrer, ele falou para o Zeferino que eu era o sucessor dele, que havia sido preparado para substituí-lo. A partir daí, fiz vários concursos internos. Trabalhei com vários ministros, como Paulo Renato Souza e José Aristodemo Pinotti, que se tornou um amigo muito próximo. Fiquei na Unicamp, depois me afastei da universidade e fui trabalhar com o Pinotti em São Paulo como chefe do Departamento de Secretaria de Estado da Saúde. Ocupei vários cargos.

Por que o senhor escolheu o Direito como formação?

Arly: Fiz a faculdade de Direito para me proteger, você ou mundo era muito perverso. Eu pagava todo o meu salário, cerca de R\$ 345,00 que recebia da Unicamp, e pagava R\$ 342,00 na PUC. Aí fiquei devendo, mas, depois que sai, parceliei o que devia e paguei tudo em um ano. O meu salário não pagava a mensalidade.

Como surgiu a primeira candidatura à Câmara de Campinas?

Arly: Quando trabalhava em São Paulo, Pinotti resolveu ser candidato a prefeito de Campinas na eleição de 1992. Ele disse que queria que eu fosse candidato a vereador. Fizemos uma campanha muito bonita. Fui eleito, um dos mais bem votados da cidade, tive mais de 3 mil votos naquela época, o que era uma votação expressiva.

Pinotti perdeu para Magalhães Teixeira. Na segunda eleição para vereador, perdi mesmo obtendo mais votos que na primeira, fiquei como primeiro suplente. Depois, fui secretário do prefeito Chico Amaral.

No total, fui eleito duas vezes para a Câmara de Campinas. Também fui suplente e podia assumir como titular quando Luiz Lauro Filho, que morreu, foi eleito deputado federal. Foi então que o prefeito Jonas Donizette falou que a decisão de voltar a ser vereador ou continuar na Sanasa era minha.

O que o senhor destacaria em sua atuação legislativa?

Arly: Muita gente não sabe, mas sou o autor da Lei do Planejamento Familiar, a primeira no Brasil que permitiu isso. Durante a campanha, eu perguntava às famílias pobres o que elas queriam, o que era mais importante. As mulheres

Na área da habitação, com a extinção do Banco Nacional da Habitação (BNH), hoje você não encontra linhas de crédito para a construção de imóveis para população de baixa renda. Isso o governo tem que resolver. Não tem cabimento. Um País com tanto potencial..."

pediam por Deus para fazer laqueadura. Mulher de rico fazia isso quando ia ter um filho, tinha três e chega, fazia laqueadura. Já para a mulher de pobre, era pecado. Eu falei que, se eleito, aprovaria a Lei do Planejamento Familiar, o que causou uma ceulema danada, mas eu trouxe o Dr. Pinotti e outros grandes médicos que defenderam a lei e a aprovamos. A lei era tão boa que foi vetada. Depois, os vereadores derrubaram o veto de Magalhães Teixeira. Foi com essa lei que o SUS começou a fazer laqueadura e vasectomia de graça. Tenho muito orgulho disso.

Outra lei que tenho grande orgulho de ter feito é a do Hino de Campinas. É de Arly de Lara Romêo. Campinas já tinha 200 anos quando me formei pela PUC, a turma bicentenária, em 1974. Jorge Alves de Lima, o Jorginho (presidente da Academia Campinense de Letras e membro do Conselho Editorial do Correio Popular), foi lá na Câmara me procurar pedindo para que eu encampasse a luta pela aprovação do Hino de Campinas. Estudei o tema durante dez dias e respondi que topava. Quando você ganha um presente, você não escolhe. E Carlos Gomes fez "O Progresso" para Campinas, foi um presente que ele compôs e deu para a cidade. Ela não é sua obra mais bonita, mas é emocionante vê-la sendo executada. Apresentei o projeto na Câmara e foi um "perereco". Artistas de tudo quanto é canto vieram na Câmara, o Jorginho foi muito guerreiro. Os músicos, todas as pessoas da cultura da cidade. E o Hino de Campinas foi aprovado.

O senhor foi presidente da Sanasa durante o mandato do ex-prefeito Jonas Donizette. Como avalia sua atuação na empresa?

Arly: É uma empresa maravilhosa. Fiquei oito anos na Sanasa e sou muito grato ao ex-prefeito por ter me dado essa oportunidade. Realizamos muitas coisas junto com o corpo técnico e com os funcionários. Foi uma gestão que consolidou a empresa. Ela foi eleita a melhor empresa pública de saneamento do Brasil por quatro vezes consecutivas. Tenho orgulho de falar que tive mais, nos oito anos, todas as contas aprovadas pelo Tribunal de Contas. Implantamos o quadro de carreira para os funcionários e criamos o Museu da Água. Hoje, Campinas trata cerca de 94% a 96% do esgoto. Dobramos os reservatórios, a capacidade de armazenamento de água. É uma empresa líder no mercado, é uma referência.

Foto Ricardo Lima

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 6